

MUSEU NA ESPLANADA

Socorro Ramalho
Da equipe do Correio

**BRASÍLIA GANHARÁ UM MUSEU DE GRANDE PORTE, AO LADO DA CATEDRAL, CAPAZ DE REPRESENTAR A CULTURA NACIONAL E ABRI-
GAR MOSTRAS INTERNACIONAIS. A OBRA, QUE COMEÇA A SER CONSTRUÍDA NO PRÓXIMO ANO E JÁ CONTA COM CAPITAL INICIAL DE**

**R\$ 10 MILHÕES, PRE-
TENDE SIGNIFICAR -
EM IMPORTÂNCIA
PARA A CIDADE - O
MESMO QUE O LOU-
VRE PARA PARIS.**

O futuro Museu Nacional de Brasília tem projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e aval de Fernando Henrique Cardoso está orçado em R\$ 25 milhões. Mas, para sair do papel, ainda depende da formação de um comissão de Alto Nível, que se reúne pela primeira vez hoje, no Ministério da Cultura. A comissão foi designada pelo ministro da Cultura, Francisco Weffort, e terá a incumbência de levar o projeto adiante.

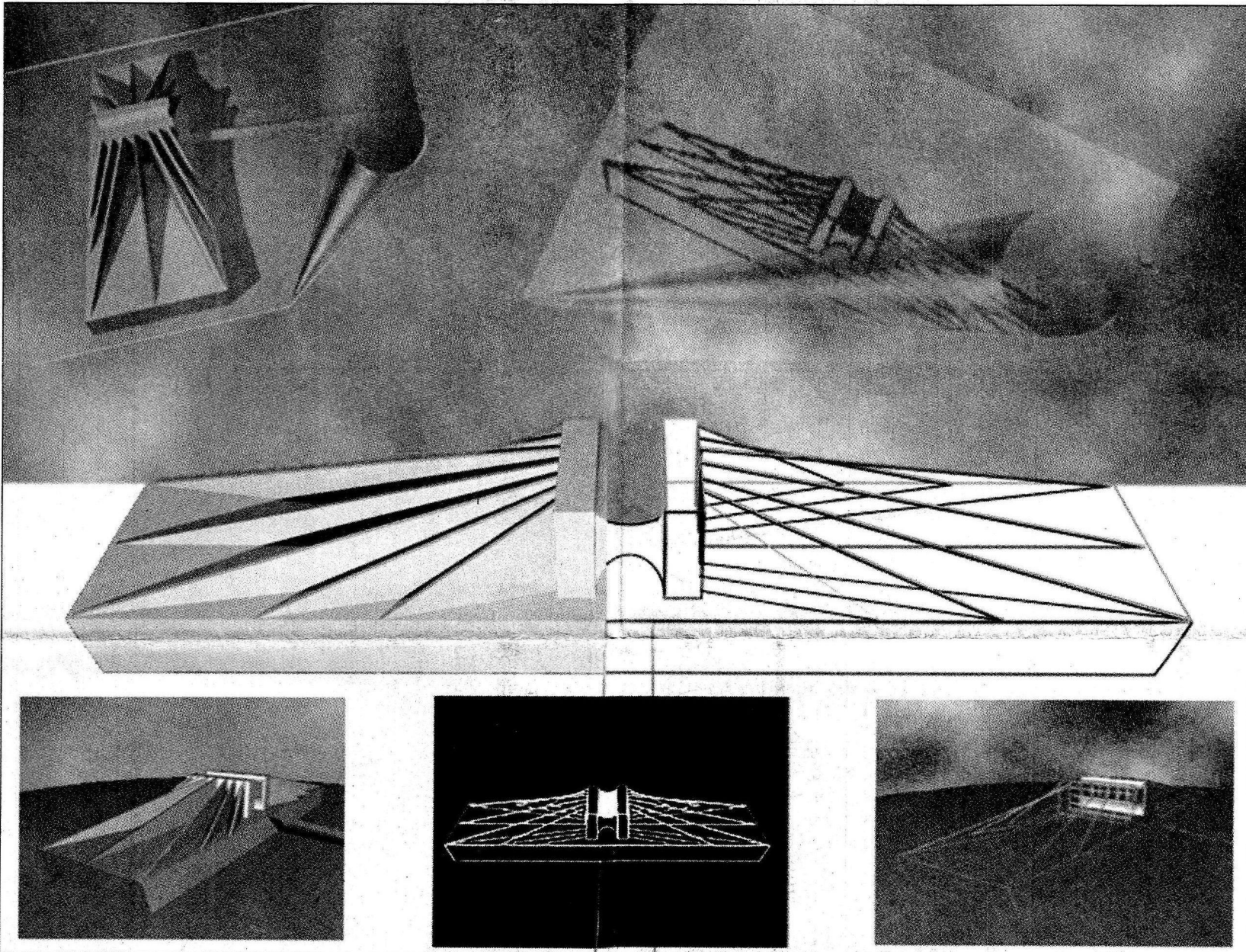
O Governo Federal já garantiu para a construção R\$ 10 milhões ao longo de dois anos. "Ele será o segundo monumento mais importante na vida cultural da cidade depois do Teatro Nacional", adianta o presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) do Ministério da Cultura, Glauco Campelo.

Destacado para integrar a Comissão de Alto Nível, como representante do MinC, Glauco lembra que a criação deste museu já era esperada há muito tempo, pois ele faz parte do Setor Cultural Norte de Brasília, que na verdade nunca chegou a ser concluído, mas já integrava o projeto original da construção de Brasília.

"O Museu vai ficar ao lado da Catedral e deveria ter a seu lado uma biblioteca e um arquivo, outros dois símbolos da cultura brasiliense, que completariam o Setor Cultural Sul", explica Glauco.

A comissão, segundo o presidente do Iphan, também vai se responsabilizar pela captação de recursos

Arte: Marisa Rabelo/Toni Lucena



Com base na maquete do novo museu de arte de Brasília, o Correio Dois fez uma projeção em três dimensões de como ficará o novo monumento

junto à iniciativa privada, e coordenação dos trabalhos de construção. E já tem como presidente Gilberto Dupas, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP).

MONUMENTOS

Brasília não é uma cidade alheia aos museus, tem alguns pequenos representantes, como o Museu do Índio e o Museu de Arte de Brasília, além daqueles que fazem as vezes de museu, como o Memorial JK, o Espaço Cultural 508 Sul, entre ou-

tros. Mas este, que ainda está no papel, deve expressar o peso da arte nacional, com a cara de Brasília.

"Ele vai abrir espaço ao movimento artístico-nacional na cidade e terá condições de abrigar grandes exposições", adianta Glauco. O presidente do Iphan também informa que o projeto arquitetônico do Museu sofrerá ajustes determinados pela comissão e que o estrutural está quase pronto e logo permitirá a primeira licitação para o início dos trabalhos. "Ao longo deste ano queremos concluir toda a parte

burocrática de licitações e outros trâmites para no próximo, começarmos a construção", assegura.

O novo espaço terá 11 mil metros quadrados de área construída e será composto por um salão de exposições de 6.500 metros quadrados, suspenso por um núcleo central onde se localizará o acesso, a uma altura de seis metros. Haverá um subsolo onde vão ficar as funções complementares do museu, como administração, reserva técnica, oficina e infra-estrutura das instalações. O subsolo terá cerca de 4.500

metros quadrados.

O presidente do Iphan adianta que a iluminação e espaços cenográficos das mostras serão as mais avançadas possíveis no Museu e que a obra terá ainda apoio de multimídia para as atividades culturais.

CAIXA BRANCA

O olho clínico de quem realmente utiliza as instalações de um museu, o artista, enxerga algo mais além do projeto bem engomado do arquiteto Oscar Niemeyer e da von-

tade política que vai garantir a criação do novo espaço na cidade.

O artista plástico Ralph Gehre, de 44 anos e 16 de profissão, passou pela Cadeira de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB) e tem algumas dúvidas quanto à praticidade da obra: "um bom museu, para mim, é uma grande caixa branca vazia. Morro de medo de um projeto desses, que normalmente é bonito por fora e pouco prático por dentro".

Ralph conhece museus de várias partes do mundo e adianta que a maioria garante pouco espaço ao artista e muitos detalhes arquitetônicos que só dificultam as exposições. "Acho esse projeto fundamental. Já chega atrasado. É inconcebível uma Capital sem um grande museu, mas acho que vamos precisar de muito dinheiro para fazer algo parecido com o Louvre. Mas espero, pelo menos, dois metros quadrados de áreas brancas lisas, com paredes sem frisos e mais nada", analisa o artista, um profundo conhecedor dos espaços de mostras em Brasília, onde mora desde 1962.

Outro artista plástico da cidade, Glênio Bianchetti, também aplaude a iniciativa, mas está preocupado: "tem dinheiro para tudo isso?". Glênio teme que o museu engrosse a lista de outras obras inacabadas e abandonadas de Brasília, como o Museu do Índio.

"A idéia é muito boa e bem-vinda, mas a criação de um museu é caríssima. Se é para começar com fins eleitoreiros, é preferível dar força ao que já existe, como o Museu de Arte de Brasília (MAB)", pondera.

Aos 68 anos e 50 de arte, morador de Brasília há mais de 32 anos, Bianchetti teme que os responsáveis pela condução do projeto desconheçam elementos imprescindíveis quando se fala da construção de um museu: "sai muito cara a montagem de um acervo de museu. Tanto, que às vezes, se tem dinheiro para o prédio, mas depois de pronta, a obra fica vazia e pobre. O custo operacional de um museu é absurdo. E, quanto à coordenação dele? Era melhor investir no MAB ao invés de se construir outro museu", aconselha.